LITERATURA E HISTÓRIA NA FICÇÃO BARRETIANA: LINHAS TÊNUES

LITERATURA E HISTORIA EN LA FICCIÓN BARRETIANA: LINEAS TENUES

Zélia R. Nolasco dos S. Freire[1]

RESUMO: Este artigo procura evidenciar a relação entre literatura e história presentes na obra de Lima Barreto (1881-1922), pois em muitos momentos torna-se difícil delimitar a linha divisória entre uma e outra, isto é, onde uma termina e a outra começa. A obra barretiana, em sua maioria, revela-nos um conhecimento sobre o passado, não com a preocupação única de um historiador, mas quase sempre coloca em xeque a nossa percepção histórica, uma vez que, para analisar a obra de um escritor, é de fundamental importância abordar o tempo e o lugar de sua escrita e até mesmo de sua recepção.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Literatura; História; Lima Barreto.

RESUMEN: En este artículo se pretende dar a conocer la relación entre la literatura y la historia presentes en la obra de Lima Barreto (1882-1922), pues en muchos momentos se hace difícil delimitar la línea divisoria entre una y otra, esto es, donde una termina una y otra empieza. La obra barretiana, en su mayoría, nos muestra un conocimiento sobre el pasado, no con la única preocupación de un historiador, pero casi siempre plantea dudas sobre la nuestra percepción histórica, una vez que, para analizar el trabajo del autor, es de fundamental importancia abordar el tiempo y lugar de su escrita y hasta su recepción.

Palabras clave: Literatura Comparada; Literatura; Historia; Lima Barreto.

> *Eu quero ser escritor porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios, deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras.* (BARRETO, 1956, p. 11)

> *A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos.* (SEVCENKO, 1999, p. 21).

[1] Doutora em Letras pela UNESP/ Assis, professora dos Cursos de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: zelianolasco@uems.br.

A obra de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) estabelece um diálogo bastante promissor com a história, e aqui partimos do princípio de que qualquer história (*story*) apenas ganha o *status* da existência enquanto narração. Sendo assim, constata-se que, tanto na teoria literária quanto na história, investigar os entrecruzamentos da literatura e da história é uma tarefa bastante produtiva, pois nos possibilita um diálogo entre as áreas do conhecimento. Desde o início de sua trajetória literária, Lima Barreto já se programava para escrever e registrar não só a sua estória de vida como a de todos os irmãos da mesma cor. Vejamos o que ele registra: "Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade" (BARRETO, 1956, p. 33). Embora saibamos que o escritor não escreveu essa obra específica e nem se restringiu a isso, ele se ocupou bastante com essa temática e deixou claro de qual lugar ele estava falando, além de assumir esse lugar, no que é diferente de qualquer outro escritor da virada do século.

Aristóteles, em sua *Poética*, já reconhecia que o ofício do poeta consiste em representar o que pode acontecer, ao passo que o do historiador é narrar o que efetivamente acontece. Sabe-se que a literatura é, antes de tudo, um fenômeno estético, mas é também uma manifestação cultural. Daí o fato de ser uma possibilidade de registro da trajetória do escritor e também de sua historicidade, seus anseios e suas visões de mundo. Embora saibamos que a literatura não tem compromisso com o real, isto é, com a verdade dos fatos, ela constrói um mundo singular, a partir do qual o leitor encontra alternativas para a constituição da realidade que motiva a arte literária e, com isso, abrem-se novas possibilidades de interpretação do real.

O escritor Lima Barreto utiliza-se da literatura para marcar e delimitar o seu lugar nas letras de modo singular. Não somente pelo fato de ter sido um dos escritores que mais se inscreveu ficcionalmente, como também pelo fato de que mescla ficção e história em suas obras. Daí o que nos leva à reflexão sobre essa estreita relação entre literatura e história em suas obras. Pelo que podemos verificar através das análises empreendidas, as obras barretianas encaixam-se no que Linda Hutcheon chama de "metaficção historiográfica", que seria a obra literária na qual ocorre a subversão de fronteiras entre história e ficção. Conforme Linda Hutcheon: são obras autorreflexivas que (re)instalam o contexto histórico na ficção, (re)escrevendo e (re) apresentando o passado em um novo contexto, a fim de abri-lo ao presente e de evitar que ele se torne conclusivo.

A interdisciplinaridade entre literatura e história ocorre também devido ao espaço comum no qual ambas se projetam, qual seja, o espaço da experiência do vivido, conforme podemos observar no romance de estreia *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, no qual o escritor retrata a trajetória de um negro que sofre todo tipo de preconceito, principalmente, o da cor: "Ah! Seria Doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor..." (BARRETO, I, 1956, p. 53). Pelo que se vê, o escritor fala através de

Isaías, de um lugar que não poderia ser outro, a não ser o dele mesmo. Pois, embora fazendo parte da comunidade letrada da virada do século XIX, participando ativamente de todas as discussões e tendo cursado alguns anos do Curso de Engenharia na Escola Politécnica, Lima Barreto não se via como elite *stricto sensu*. Fazia parte de uma aristocracia intelectual e moral, tal como assinala Osmar Pimentel (1956), mas daí a identificar-se com as classes econômica e politicamente favorecidas havia quilômetros de distância. Até porque a falta de dinheiro, entre outros fatores que o associavam aos excluídos da sociedade, sempre o acompanhou.

Assumiu, assim, uma posição de combate; em função disso, foi relegado pelos "mandarins da literatura", não pelo fato de que sua obra não fosse representativa, mas por esta se desviar da norma acadêmica convencional, que era representada pelos seguintes escritores: Coelho Neto, Rui Barbosa, Machado de Assis e outros. Logo, sua obra propõe novas maneiras de se pensar o social, trazendo para a ficção o mundo dos subúrbios do Rio de Janeiro e a expressão da população excluída pelos dirigentes do poder da Primeira República. Esse novo modo de expressão não é recebido com bons olhos, o novo causa perplexidade.

Sua obra antecipa e confere sustentação ao ideário modernista que eclodiria anos adiante, através da Semana de Arte Moderna de 1922. O escritor sobressai-se não somente pela ousada postura crítica, mas, principalmente, pelo modo como rompe com a tradição do emprego modular de uma linguagem academicista, esteticizante, falseadora que não representa os anseios que os novos tempos exigem. Deste modo, confere vazão a uma prática inovadora e moderna. O verbo passa a gerar e ser gerado pela condição de realidade que a sociedade vigente vivifica, experimenta, e não mais pela ilusão dos salões mais eminentes da sociedade brasileira. Assim, este novo proceder se constitui e, pelo espírito libertário, sedimenta terreno para que a primeira geração modernista efetive as transformações implosivas e explosivas já anunciadas pelo autor de *Policarpo Quaresma*.

Como já foi dito, é importante fazer uma retomada do tempo e do lugar no qual o escritor escreveu. Nessa época, no início do século XX, a Europa assiste a um formidável conjunto de transformações em todos os domínios das atividades humanas. Invenções, desenvolvimento científico e tecnológico, lutas sociais, guerra mundial, revolução comunista – tudo isso forma o cenário em que surge a arte moderna, um dos momentos mais radicais de renovação artística. De modo geral, o que marca a tendência da arte moderna é o desejo de libertar-se das amarras do passado e buscar uma nova forma de expressão artística, de acordo com a mentalidade do século que se inicia. O progresso e a ciência asseguram, no início do século XX, um destino promissor para a humanidade. Os povos saúdam, entusiasmados, as novas invenções que atestam o talento e o poderio humano: o automóvel, o telégrafo, o telefone, a lâmpada elétrica, o cinema, o avião. Essa grande fé no progresso gera um otimismo que caracteriza a chamada *Belle Époque*.

Encontramos as expressões *fin de siècle, Belle Époque* e *século das luzes* e todas remetem a uma só representação deste período. Não é para menos que os grandes

símbolos do momento sejam a luz e a velocidade. São tantos os inventos científicos e as mudanças processam-se de forma tão rápida, que deixam a humanidade perplexa diante das novidades, sentindo ela, a um só tempo, admiração e pavor. Para que se possa compreender melhor este momento, destaca-se, a seguir, um trecho de Sevcenko (1998), em que o autor relaciona as descobertas e os inventos ocorridos na virada do século:

> [...] os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, a ampla gama de utensílios domésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários, os parques de diversões elétricas, as rodas-gigantes, as montanhas-russas, a anestesia, a penicilina, o estetoscópio, o medidor de pressão arterial, os processos de pasteurização e esterilização, os adubos artificiais, os vasos sanitários com descarga automática e o papel higiênico, a escova de dentes e o dentifrício, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e os sorvetes, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a Coca-Cola, a aspirina, o Sonrisal e, mencionada por último mas não menos importante, a caixa registradora. (COSTA, 2000, p. 20).

Com isso, o caráter global da economia capitalista consolida-se no século XX, atingindo fronteiras intocadas e desconhecendo barreiras. Esse momento de expansão pode ser vinculado à Revolução Industrial de meados do século. Segundo Sevcenko, a expansão da economia industrializada tem como suporte três elementos básicos: o ferro, o carvão e as máquinas a vapor. Daí adveio a Segunda Revolução Industrial – conhecida como Científico-Tecnológica –, o que leva a aplicação das descobertas científicas aos processos produtivos. Em todos os segmentos políticos, econômicos, artísticos e culturais ocorre uma grande mudança de atuação. Vive-se a expectativa da I Guerra Mundial. Para sentir a contraditória situação daquele *fin de siècle,* nada melhor que o depoimento do jornalista francês *Edouard Hersey*, em 1911:

> Ignoro quem imaginou pela primeira vez batizar de belle époque o período de alguns anos que circundam o milésimo de 1900. Suponho tenha entrado nas suas intenções uma parte de ironia. É pouco provável que tal criatura chegasse a medir a crueldade da expressão. A gente de hoje não conseguirá fazer idéia dos abismos de miséria que se escondiam na Paris brilhante daquele tempo. (COSTA, 2000, p. 20).

Conforme Costa (2000), a instabilidade e a angústia do momento estão artisticamente representadas na tela – *O grito* (1893) – de Edvard Munch, "quase símbolo de uma época, resumindo a ansiedade, a solidão e o apocalipse, faces menos luminosas, mas igualmente representativas da Belle Époque" (COSTA, 2000, p. 23). Com a Primeira Guerra iniciou-se o fim da era europeia na política, passando aos Estados Unidos o poder econômico mundial. O conflito teve como consequência grandes crises econômicas que se manifestaram na América Latina e, também, no Brasil.

O Brasil passa por um período agitado, pois é o momento da predominância da chamada política do café-com-leite: alternância no poder dos senhores do café (São Paulo) e dos senhores do gado (Minas Gerais). O centro econômico e cultural desloca-se para o Sudeste do país. São Paulo urbaniza-se rapidamente e o Rio de Janeiro passa por um processo de saneamento e embelezamento, trazendo a sensação de que entra em harmonia com o progresso e a civilização mundiais. A classe dominante, que segue à risca a moda europeia, vive num consumismo doentio e luta para manter os privilégios. Ao mesmo tempo, surge nos centros urbanos uma classe média constituída de burocratas, comerciantes e profissionais liberais que exige maior participação no processo econômico e político. Devido ao desenvolvimento capitalista agrícola, intensifica-se a imigração, visto que a indústria, mesmo que incipiente, necessita de mão-de-obra. A maioria dos imigrantes possui experiência de trabalho, e juntamente com eles parecem vir também as ideias socialistas e anarquistas, disseminando-se pelo Brasil. Crescem os setores operários, aproximando brancos, mulatos e negros, que começam a se organizar politicamente na tentativa de melhorar as duras condições de vida a que são submetidos.

Segundo Angela Marques da Costa, "os brasileiros pobres e ex-escravos representam uma minoria nas fábricas e vagam pela cidade atrás de biscates: são carregadores, carroceiros, vendedores ambulantes, lavadores de roupa" (COSTA, 2000, p. 37). Esses brasileiros foram duas vezes excluídos: primeiro, do trabalho de assalariado nas indústrias; segundo, são enxotados de suas casas para os subúrbios. Isto, por causa do processo de urbanização que leva à especulação imobiliária e os força a se mudarem.

A República quer representar a modernidade que se instala no país. Com a urbanização, em decorrência do desenvolvimento comercial e industrial, ocorre uma multiplicação de lojas, confeitarias, salões elegantes, espetáculos teatrais e, principalmente, cafés – lugares sempre requisitados por artistas, estudantes, jornalistas e boêmios. Com efeito, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro – na virada do século XIX para o XX – estabelecem-se como polos centralizadores e difusores de moda e costumes. Paralelamente, a economia e a política encontram-se fortemente estabelecidas nesses dois centros.

Diante de tantas transformações, a imprensa também se moderniza, destacando-se nesse período algumas revistas do Rio de Janeiro, por dois motivos: primeiro, por se voltarem para a classe média da sociedade brasileira e, em segundo, pelo tempo que permanecem em circulação. A revista *Fon-fon* circula de abril de 1907 a agosto de 1958; A *Careta,* de junho de 1908 a outubro de 1960 e *O Malho,* de setembro de 1902 a janeiro de 1954, sendo *O Malho* a que trazia uma visão crítica da sociedade brasileira. Surge também no período, uma pequena imprensa de protesto, de curta duração. Em São Paulo, *O proletário*, de tendência socialista, onde se destaca o redator Euclides da Cunha; e no Rio de Janeiro, o periódico *A Lanterna,* que conta com a colaboração de Lima Barreto. A grande imprensa passa por adequações e entra no processo de modernização para transformar-se em entidade capitalista. Neste sentido,

necessita adequar-se ao gosto dos leitores sem entrar em choque com o interesse das elites que a sustenta. Isto ocorre em vários segmentos prestadores de serviço, uma vez que precisam se adequar aos novos tempos e à sociedade capitalista. O escritor Lima Barreto aborda o papel da imprensa e sua transformação na virada do século XIX no romance Isaías Caminha, no qual desmascara os bastidores do maior jornal da época, o *Correio da Manhã*, demonstrando o mundo onde só os hábeis e espertos conseguiam vencer. Como se pode ver na citação:

> Os livros nas redações têm a mais desgraçada sorte se não são recomendados e apadrinhados convenientemente. Se é autor consagrado e da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas, aqueles elogios em clichê que nada dizem da obra e dos seus intuitos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o clichê é outro. [...] Há casos em que absolutamente não se diz uma palavra do livro. (BARRETO, 1956, I, p. 237).

Estas mudanças são consequências da evolução industrial. Com o uso da tecnologia, ocorre aumento de produção, geração de empregos e acúmulo de capital. Os proprietários das indústrias ficam cada vez mais ricos e, ao invés de contratarem brasileiros pobres e ex-escravos – vistos como desqualificados para o trabalho industrial –, vão abastecer-se da mão-de-obra dos imigrantes europeus. O que se sugere como contraditório, uma vez que, se, por um lado, mostra-se positivo para o país, aumentando a produção e, consequentemente, as riquezas, por outro, contribui negativamente, pois toda prosperidade acentua os fortes contrastes da realidade brasileira, resultando em manifestações populares, tais como: a Revolta de Canudos, que ocorre no final do século XIX, na Bahia – tema de *Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha; a Revolta da Vacina (1904), que ocorre no Rio de Janeiro – manifestação popular contra a vacinação obrigatória idealizada por Oswaldo Cruz; a Revolta da Chibata (1910), liderada por João Cândido, o *Almirante Negro*, contra o castigo corporal na Marinha. Na realidade, esses movimentos tão diferentes entre si tinham o mesmo princípio: rebelarem-se contra o alto custo de vida, o desemprego e os rumos da República. Foi exatamente este quadro de franca contribuição social que possibilitou a ocorrência expressiva em tom de crítica, análise e denúncia da escrita ficcional do escritor Lima Barreto.

Em São Paulo, as classes operárias iniciam os movimentos grevistas por melhores condições de trabalho. Essas agitações são sintomas da crise na "República do café-com-leite", o que provoca uma cobrança aos detentores do poder por uma postura política, econômica e social voltada para o Brasil real e, principalmente, para atender às necessidades das camadas inferiores da sociedade.

A virada do século XIX no Brasil foi um momento de grandes transformações sociais e políticas: a Abolição da Escravatura (1881), a proclamação da República (1889), a criação da Academia Brasileira de Letras (1897) – também chamada *Casa de Machado de Assis* – e o surgimento do jornal *Correio da Manhã* (1901). Estes acontecimentos sociais e políticos estão presentes na obra barretiana e em muito

influenciaram na produção literária do escritor, já que o mesmo faz uma escolha da versão dos fatos que quer enfatizar e de que modo será enfatizada. Com isso, contribui para a compreensão da sociedade da época, pois os temas, motivos, valores, normas ou revoltas barretianas, todos foram fornecidos ou sugeridos pela sociedade e pelo contexto social da virada do século XIX. Não se sabe qual a medida desta interferência, o certo é que a literatura brasileira registra grandes avanços com a contribuição literária de Lima Barreto. Sabe-se, porém, que a obra barretiana sofre interferências negativas da crítica e isto em consequência do fato de relacionarem diretamente o homem à obra e vice-versa. Atribui-se a isso a dificuldade em atribuírem valor literário às obras do escritor.

Estão presentes nas obras barretianas o homem e o mundo que o cerca de forma muito próxima do real, e isto interferiu diretamente em sua recepção. Algumas vezes de forma positiva; outras, negativa. O que demonstra que a contradição faz parte do mundo do escritor. Por ser um escritor militante, Lima Barreto encontrou na Literatura o meio ideal para extravasar sem piedade suas críticas sociais, reforçando o papel da Literatura enquanto instrumento integrante e influenciador da vida social.

Grandes acontecimentos históricos são ficcionalizados na obra barretiana, principalmente a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), por terem feito parte da vida do escritor, pois nessa época o escritor entrava para a escola primária. Da Abolição encontram-se registros de que, no dia em que a princesa Isabel assinava a Lei Áurea, o escritor completava sete anos, momento que registrará em um artigo intitulado "Maio", que foi publicado na *Gazeta da Tarde*, em 4-05-1911, e no volume *Feiras e Mafuás*, páginas 255-256. Assim descreve a Princesa Isabel: "Ela me parecia loura, maternal, com um olhar doce e apiedado". E, ao dia descreve como: "Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total: e os dias que se seguiram, dias de folgança e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia". Da Proclamação, no ano seguinte, o escritor terá a dura experiência com o golpe militar, quando seu pai perde o cargo que ocupava na Imprensa Nacional. Desse acontecimento, Francisco de Assis Barbosa reproduz uma reminiscência do escritor que explica parte de sua aversão ao regime republicano, ou melhor, aos homens que o representavam: "Da tal história da proclamação da república, só me lembro que as patrulhas andavam nas ruas, armadas de carabina e meu pai foi, alguns anos depois, demitido do lugar que tinha (BARBOSA, 1981, p. 36). Pelo que se pode observar, a ficção barretiana é marcada por conjecturas e verossimilhanças, calcadas em referências e percepções de fatos históricos que realmente aconteceram, mas que são trazidas pelo autor como uma das versões possíveis para a interpretação e compreensão daqueles fatos históricos.

Segundo Alfredo Bosi, a obra do escritor despontava em um momento em que morria a *belle époque* e se constrói entre dois mundos: o mundo do tradicionalismo agrário, saudosista e reformador, e o mundo do novo século, seduzido pela vanguarda e pelo irracionalismo, fecundado pelo dadaísmo e pelo cubismo, pela psicanálise e pelo relativismo de Einstein, pela Revolução Russa, anarquismo espa-

nhol e sindicalismo fascista. Por fim, nesse período, destacam-se os confrontos entre os ideais estéticos e os ideais políticos. Esses acontecimentos históricos perpassam toda a obra de Lima Barreto, que não deixa de fazer uma análise perspicaz sobre os mesmos. Observa-se que, na política, suas anotações e análises críticas seguem um curso cronológico e sequencial que vai desde o Presidente Marechal Floriano Peixoto, Prudente de Morais, Campos Salles, Afonso Pena, Hermes da Fonseca, Venceslau Brás até Epitácio Pessoa.

O escritor posicionou-se frente a todo e qualquer problema que ele considerasse relevante para sua posição de intelectual e homem do povo, que para ele tinha a função de lutar em prol dos menos favorecidos e marginalizados socialmente. Por toda sua vida jamais deixou de se posicionar sobre o que quer que fosse, política, religião, futebol, a urbanização do Rio de Janeiro, a educação da mulher, a revolução russa, entre tantos outros assuntos polêmicos. Como vimos, estão presentes em sua obra quase todos os acontecimentos históricos, porém, em todas as suas abordagens, percebe-se o trabalho estético com a linguagem e a ficcionalização desses acontecimentos, visto que o escritor transfigura os fatos políticos, caricatura as personalidades históricas, cria "tipos ideais" de gente brasileira, parodia a feitura dos heróis. Como exemplo, podemos citar Policarpo Quaresma, que foi criado como um anti-herói.

É importante destacar que, no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma,* o escritor volta-se para os fatos históricos e ficcionais do tempo da presidência de Floriano Peixoto (1891-1894) e retrata os primeiros anos da República. A trajetória narrativa de Policarpo Quaresma sintetiza-se em três projetos nacionalistas. O primeiro denominava-se "cultural"; o segundo, o "agrícola" e o terceiro projeto de Quaresma, o "político". Defensor e admirador do Presidente, Quaresma alista-se como voluntário na luta, partindo imediatamente para o "campo de batalha", onde se apresenta disposto a defender a democracia e o governo. Aos poucos, vai conhecendo os bastidores do poder e como os militares conduziam sua autoridade. O Marechal de Ferro – Floriano – seu ídolo, surge então a seus olhos como um "ditador apático e desinteressado das coisas do país". Por outro lado, o romance contrapõe-se ao espírito ufanista de Afonso Celso, que, juntamente com outros escritores, se empenharam em escrever uma literatura nacionalista, mas distante da realidade brasileira. Porém, Lima Barreto, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma,* através de seu protagonista, o Major Quaresma, faz de tudo para mostrar o país real, isto é, o Brasil sem floreios. O Major de hábitos regulares, subsecretário do Arsenal de Guerra e que, durante os lazeres burocráticos, "estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política" (BARRETO, 1956 , v. II, p. 33) vai desconstruir a imagem de pátria que até então era veiculada através dos principais escritores do período. Personagem que foi primeiramente comparado ao Dom Quixote pelo crítico Oliveira Lima, em um artigo de *O Estado de São Paulo*, em novembro de 1916, quando da primeira edição do romance e depois consta como prefácio do mesmo. Essa comparação literária permanece quando se trata de análises referentes à personagem. Para Oliveira Lima:

> O Major Quaresma viverá na tradição, como um Dom Quixote nacional. Ambos são tipos de otimistas incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terapêuticas, que é a aplicação da justiça da qual um e outro se arvoraram em paladinos. Um levou sovas por querer proteger os fracos; o outro foi fuzilado por querer na sua bondade salvar inocentes. Visionários ambos; assim tratou o marechal de ferro o seu amigo Quaresma e trataria Dom Quixote, se houvesse lido Cervantes. (BARRETO, 1956 , v. II, p. 9-10).

Sob a perspectiva dessa análise literária, Osmar Pimentel retoma o viés comparativo em artigo da *Folha da Manhã*, São Paulo, de 12 de novembro de 1949, depois publicado como prefácio da obra "Os Bruzundangas", da edição Brasiliense. Para Osmar Pimentel, Policarpo "é mais que um Dom Quixote, mais que uma alegoria"; ou melhor, "uma paródia sul-americana do herói cervantino", mas, em parte, "um sósia do seu criador [...] uma projeção, no campo da ação prática, de algumas idéias do sutil contemplativo da política que Lima Barreto foi" (BARRETO, 1956, v. II, p. 13). Seguindo as análises da personagem Policarpo Quaresma que a colocam em comparação com Dom Quixote, Olívio Montenegro avalia-a como "um primo pobre de Dom Quixote, pelo exagero de caricatura", e enfatizará a "extraordinária personagem" Ricardo Coração dos Outros (1953, p. 178).

E, por fim, Cavalcanti Proença afirma, no prefácio de *Impressões de leitura*, que *Triste Fim de Policarpo Quaresma* "Como o Dom Quixote é um livro de combate. O livro de Cervantes se opõe a Amadis de Gaula", bem como "o Policarpo Quaresma se opõe ao "Porque me ufano de meu País", de Afonso Celso (BARRETO, 1956, v. XIII, p. 39). Percebe-se que o combate aqui se trava por meio da atitude do Major Quaresma que, ao acreditar naquilo que os livros de sua biblioteca pregavam a respeito da pátria, empenha-se em colocar em prática projetos que visavam a "emancipação da pátria" (p. 34). Constata-se, assim, que o romance de Lima Barreto, ao tentar reconstruir a *Belle Epoque* brasileira com suas tensões sociais, permite também dar voz aos excluídos, aos brasileiros relegados e perdedores assim tratados pela história convencional divulgada nos livros didáticos da época pelos vencedores. Aqui faço referência ao livro de Nicolau Sevcenko, que é bastante elucidativo: "A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos" (SEVCENKO, 1999, p. 21).

Em função desse ideal de "emancipação da pátria" e em prol do resgate da identidade brasileira, Policarpo Quaresma, baseado no que diziam os livros sobre a pátria, vai tentar realizar mudanças na cultura, na agricultura e na política do país. Cada tentativa frustrada do personagem Policarpo Quaresma é utilizada como recurso do escritor Lima Barreto para demonstrar o vazio e a inutilidade do conceito de pátria, patriotismo e nacionalismo e a necessidade de uma revisão desses valores. Vejamos uma reflexão do personagem ao final da narrativa:

> Iria morrer, quem sabe naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para sua felicidade e prosperidade. Gastara sua mocidade nisso, a sua virilidade também, e, agora, que estava na velhice, como ela o recompensava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara – todo esse lado da existência, que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.
> Desde os dezoito anos que o tal do patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade de saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do folklore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma alguma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! (BARRETO, 1956, v. II, p. 284-285).

Com isso, a literatura barretiana volta-se para o social e para os problemas do povo brasileiro, denotando um cunho explícito de literatura militante e aponta para uma ruptura com a tradição, propiciando um clima favorável que traria as renovações propostas pela semana de arte moderna, a partir de 1922. Porém, Lima Barreto não teve tempo para constatá-las, mas não nos resta dúvida de que ele foi o precursor do modernismo em nossas letras, com uma literatura que se voltou para os problemas existenciais do indivíduo em face da sociedade.

Retomando a citação de Sevcenko sobre a literatura: "Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos" (SEVCENKO, 1999, p. 21), é possível aproximar a esse contexto tanto a trajetória de Policarpo Quaresma, quanto a do escritor Lima Barreto. Porém, resta-nos enfatizar que cada época histórica cria os seus vencedores, e o fato de a obra barretiana manter-se atual, em pleno século XXI, faz de Lima Barreto um vencedor.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de A. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2002.

BARRETO, L. *Obras completas*. Direção de Francisco de Assis Barbosa e colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BOSI, A. *O pré-modernismo*. A Literatura Brasileira. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

COSTA, Angela Marques da. *1890-1914*: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão*: tensões sociais e criação na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.